

A retomada da vida em Primo Levi: uma tentativa

The resumption of life in Primo Levi: an attempt

La reanudación de la vida en Primo Levi: un intento

Fabricio Paiva Araujo
Instituto São Tomás de Aquino - ISTA

Resumo

Neste artigo faremos a investigação da obra *A Trégua* de Primo Levi, judeu italiano que sobreviveu às atrocidades dos campos de concentração e extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Após sua libertação de Auschwitz, campo de extermínio situado no sul da Polônia, Levi é forçado a enfrentar uma longa jornada de volta para a casa em Turim, na Itália. A sofrida e enfadonha viagem dura em média nove meses. Levi atravessa diversas cidades e países na Europa destruída pela guerra. Nossa contribuição aponta para a força do trauma, em perpetuar, no sujeito deslocado, a incapacidade de retornar para a casa e encontrar um lugar de normalidade após sofrer o exílio de forma abrupta e cruel. O exílio não permitiu que Levi conseguisse reivindicar uma ruptura que lhe possibilitasse reescrever, sem dores, a vida no mundo pós-guerra. O sobrevivente de Auschwitz dedicou grande parte de seu tempo a um único ato: recordar os eventos traumáticos do campo de morte.

Palavras-chave: Primo Levi, exílio, memória.

Abstract

In this article, we will investigate the work *The Truce* by Primo Levi. He is an Italian Jew who survived the atrocities of the concentration and extermination camps during the Second World War. After his release from Auschwitz, an extermination camp in southern Poland, Levi was forced to face a long journey back home in Turin, Italy. The boring and suffered journey lasted an average of nine months. It crossed several cities and countries through destroyed post-war Europe. Our contribution points to the strength of the trauma, in perpetuating, in the displaced subject, the inability to return home, and find a place of normality after suffering an abrupt and cruel exile. The exile did not allow Levi to claim for a break that would help him to rewrite life, without pain, in the post-war. The Auschwitz survivor devoted much of his time to a single act: recalling the traumatic events of the death camp.

Keywords: Primo Levi, exile, memory.

Resumen

En este artículo, investigaremos el trabajo *La Tregua*, de Primo Levi. El es un judío italiano que sobrevivió a las atrocidades de los campos de concentración y exterminio durante la Segunda Guerra Mundial. Después de su liberación de Auschwitz, un campo de exterminio en el sur de Polonia, Levi se vio obligado a enfrentar un largo viaje de regreso a casa en Turín, Italia. El viaje sufrido duró un promedio de nueve meses. Atravesó varias ciudades y países a través de la Europa destruida por la guerra. Nuestra contribución apunta a la fuerza del trauma, al perpetuar en el sujeto desplazado, la incapacidad de regresar a casa y encontrar un lugar de normalidad después de sufrir un exilio abrupto y cruel. El exilio no le permitió a Levi reclamar un



descanso que lo ayudaría a reescribir su vida en la posguerra. El sobreviviente de Auschwitz se limitó a un solo acto: recordar los eventos traumáticos del campo de exterminio.

Palabras clave: Primo Levi, exílio, memoria.

“Há mais exílios, expulsões, sempre há mais: a doença, o analfabetismo, a fome, a inveja, a impotência. Todas são expulsões da vida plena. E, na província alheia, está a morte, que é o exílio final, o irreparável, o exílio para o qual nascemos”
(BENEDETTI, 1986, p. 12).

Após sobreviver aos campos de concentração e extermínio da Segunda Guerra Mundial, o judeu italiano Primo Levi (Turim, 1919-87) se viu em uma delicada e difícil situação: voltar ao lar. Por pouco menos de um ano, Levi foi encarcerado e forçado a trabalhar para o regime nazista no *Lager* (campo de extermínio), na região de Auschwitz, no sul da Polônia. No campo de morte, Levi experimentou e testemunhou uma violência inimaginável. Os nazistas administravam os seus prisioneiros como em uma indústria, os internos eram numerados, protocolados e eliminados. A produção massiva de cadáveres resultou em algo jamais visto na história do homem moderno. O sociólogo Zygmunt Bauman salienta que o Holocausto “é único num duplo sentido. É único entre outros casos históricos de genocídio porque é moderno. E é único face à rotina da sociedade moderna porque traz à luz certos fatores ordinários da modernidade que normalmente são mantidos à parte” (BAUMAN, 1998, p. 118). Em Auschwitz, Levi vivenciou a banalização da vida humana e um sofrimento que o transformou por completo. O sobrevivente expôs em narrativas a sua experiência no *Lager* e suas memórias traumáticas lhe fizeram companhia, não apenas durante a longa e dolorosa jornada de volta pra casa, mas por toda a sua vida.

Em sua obra *A Trégua* (1963), Levi narra o desenlace e as angústias de seu retorno para a Itália. Seu romance-memória descreve com intensidade a viagem tortuosa com destino a sua casa em Turim. Segundo Enrico Mattioda, “trata-se ainda de um romance escrito através de segmentos narrativos, mas o motivo da viagem reúne os vários episódios e dá continuidade à história do êxodo e do repatriamento” (MATTIODA, 2011,



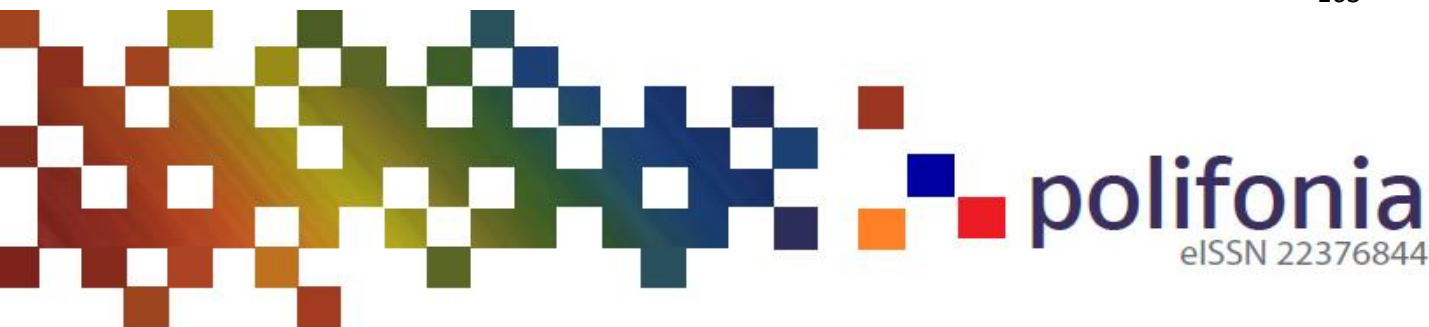
p. 65). Apesar de alguns críticos argumentarem que *A Trégua* é o livro mais “alegre” do autor, talvez por retratar alguns episódios de sua jornada com certo humor, outros críticos contestam essa afirmação. Muitos deles pensam que *A Trégua* é caracterizada pelo pessimismo. Mattioda, por exemplo, explica que “é um livro ‘centauresco’, com uma dupla natureza, na qual, não se esquece de que a alegria é somente uma ‘trégua’ entre duas guerras, a segunda guerra mundial e a guerra fria, e na qual a verdade última não é a paz, mas o Lager” (MATTIODA, 2011, p. 65).

Talvez, *A Trégua* pode ser vista como uma tentativa de Levi para recriar a vida através de sua voz testemunhal, diante do encontro com outros sobreviventes e da liberdade que estava sendo reconquistada. Conforme Levi:

Assim, para nós, a hora da liberdade soou grave e circunspecta, e encheu a nossa alma, ao mesmo tempo, de alegria e de um doloroso senso de pudor. [...] e de pena também, porque sentíamos que [...] nada mais de bom e puro poderia acontecer que viesse a cancelar o nosso passado, e que os sinais da ofensa permaneceriam em nós para sempre, nas lembranças daqueles que os viram, nos lugares onde ocorreram e nas narrativas que fôssemos fazer deles [...] é estupidez imaginar que a justiça humana extinga a ofensa. Ela é uma fonte inexaurível do mal. (LEVI, 1997, p. 11).

Com o fim da guerra, os prisioneiros do *Lager* encontravam-se enfermos, esgotados e sem ter para onde ir. Levi e os outros viajantes partiram sem rumo certo em meio aos destroços de uma Europa pós-guerra: cidades arruinadas, estradas destruídas, muitas estações de trem desativadas, vilas abandonadas e uma população destituída de quase todos os tipos de recursos. A desolação também tomava conta do espaço fora dos campos de concentração e extermínio. As dificuldades eram enormes, o retorno ao lar mostrava-se angustiante e incerto. Para o sobrevivente, o nome dos lugares em que ele passava carregava um tom de incivilidade e estranheza: “atravessando planícies ainda estivais, atravessando pequenas cidades e vilarejos, cujos nomes soavam bárbaros (Ciurea, Scantea, Valsui, Piscu, Braila, Pogoanele), seguimos ainda por vários dias para o Sul, em minúsculas etapas” (LEVI, 1997, p. 194).

Com o objetivo de chegar à Itália, as andanças incertas de Levi e de seus companheiros de viagem eram cheias de percalços e tristezas. Os caminhos que eles



escolheram os levaram a muitos vilarejos, cidades e países. Apesar de o Exército Vermelho ter libertado os prisioneiros de Auschwitz do regime nazista, as lembranças que Levi carrega dos russos não são animadoras. Essas lembranças deixam claras as impressões de uma guerra que parecia não ter fim. Quando a força armada soviética chegou a Auschwitz para libertar os internos do campo de extermínio, Levi deparou-se com quatro soldados russos que estavam armados e junto a seus cavalos. Levi rememora a amargura com a qual ele e os outros sobreviventes foram abordados. Um misto de confusão, piedade e assombro. Segundo Levi:

Não acenavam, não sorriam; pareciam sufocados, não somente por piedade, mas por uma confusa reserva, que selava as suas bocas e subjugava os seus olhos ante o cenário funesto. Era a mesma vergonha conhecida por nós, a que nos esmagava após as seleções, e todas as vezes que devíamos assistir a um ultraje ou suportá-la: a vergonha que os alemães não conheceram, aquela que o justo experimenta ante a culpa cometida por outrem, e se aflige que persista, que tenha sido introduzida irrevogavelmente no mundo das coisas que existem, e que a sua boa vontade tenha sido nula ou escassa, e não lhe tenha servido de defesa (LEVI, 1997, p. 12).

O relato da jornada pós-libertação carrega uma felicidade estranha e inquietante. Diante da dor e da liberdade, os habitantes de Auschwitz se sentiam desorientados e com uma aparente dificuldade de se adaptarem à nova realidade. A suspensão temporária das hostilidades permitiu aos sobreviventes vivenciar certa nostalgia, mas também um relativo bem estar. De qualquer forma, discussões, brigas e perigos desconhecidos se apropriam desse roteiro imerso no inesperado. A jornada de volta a pátria foi caracterizada por longas paradas. Levi sentiu-se ocioso, vivenciou a tristeza e a amargura de quem tenta se libertar. O sobrevivente explica que:

[...] a nostalgia é um sofrimento frágil e suave, essencialmente diverso, mais íntimo, mais humano do que as outras dores que havíamos suportado até então: frio, golpes, fome, terror, doença, privações. É uma dor límpida e clara, mas urgente: invade todos os minutos do dia, não concede outros pensamentos, e nos incita às evasões (LEVI, 1997, p. 245).

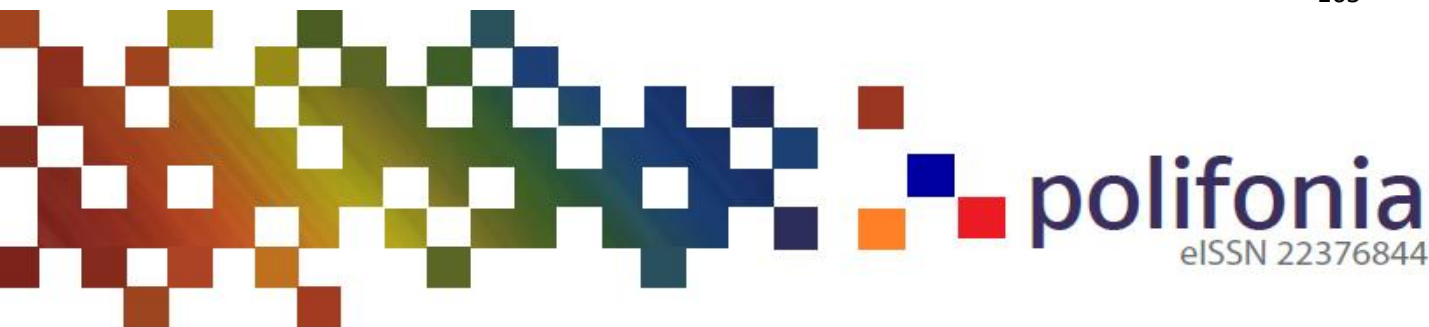
Dentre as várias inquietações que a narrativa de Levi nos permite abordar, a questão da liberdade é um fator intrigante. Apesar de o sobrevivente estar longe da



vigilância dos soldados alemães, livre das cercas elétricas, das armas e da ferocidade dos cães de guarda, a perda da liberdade já não precisava mais de muros e da repressão oficializada. Embora livre e fisicamente longe do campo de extermínio, Levi ainda sentia-se preso. O sobrevivente do *Lager* demonstra ter que sobreviver em meio a uma catástrofe que torna o mundo sem condições de habitabilidade, mas, que ao mesmo tempo, o condena à liberdade.

As memórias traumáticas não abandonam os sobreviventes da guerra. Em seu testemunho, Levi parece demonstrar uma alegria tímida e pesarosa. Diante de uma ferida que parece ser incurável, a liberdade do sobrevivente do *Lager* fraqueja. Durante o percurso de volta para casa, o ato de estar livre perde a sua vitalidade em meio aos campos, bosques e florestas. Essas paisagens com pouca ou nenhuma vida em movimento parecem atrair a solidão. Conforme Levi, “talvez porque recordasse para nós outros bosques, outras solidões de nossa existência anterior” (LEVI, 1997, p. 245). No campo de extermínio os internos sentiam-se abandonados pelo mundo e por Deus, mas fora do *Lager* essas diferenças pareciam ínfimas. A falta de amparo contribuiu para estabelecer o trauma que os impossibilitou de retornar para normalidade. Para o companheiro de jornada de Levi, o grego Mordo Nahum, cuja experiência em Auschwitz lhe ensinou a ser “frio, solitário e racional” (LEVI, 1997, p. 77), o campo de batalha é um lugar interminável. Para Nahum, “‘guerra é sempre’, o homem é lobo do homem: velha história” (LEVI, 1997, p. 77). A impossibilidade de se ver livre dos traumas gerados pela experiência no *Lager* é real. O trauma da guerra persiste em acompanhá-los no decorrer da viagem, gerando um incômodo persistente e difícil de controlar. Mesmo que Levi e seus companheiros tentassem se distrair durante o trajeto de volta para a casa, se deparavam novamente com a condição atroz que os caracterizavam. Levi explica que “as mesmas conversas, os projetos para o futuro, não bastavam para abreviar o tempo daquela espera, e para aliviar o peso que aumentava dia após dia” (LEVI, 1997, p. 267-8). O terror é permanente e não traz descanso para o sobrevivente do campo de morte.

Nesse sentido, pode-se dizer que o exílio é um fardo e traz consigo suas dores. Edward Said salienta que a condição de exilado “é terrível de experienciar, e sua tristeza

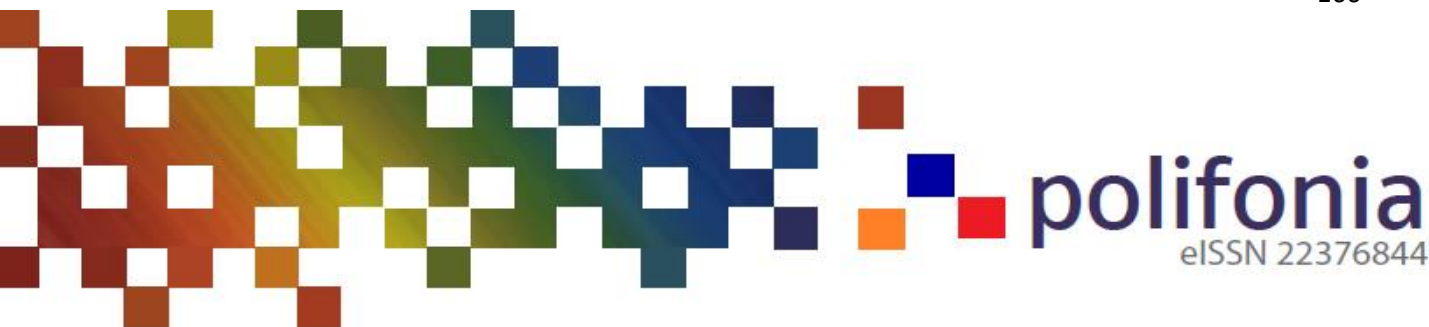


essencial jamais pode ser superada”¹. Por estar desenraizado, o exilado vive em constante deslocamento. Os lugares lhe são estranhos e perturbadores. A ideia de pertencimento lhe escapa. O lugar de identificação do exilado é difícil de encontrar. Para o sociólogo Stuart Hall, existe uma necessidade do forasteiro de se fazer comum. Aquele que está fora do seu lugar, de certa forma, tenta encontrar rastros, criar marcas ou nomenclaturas que tragam em si uma identidade que possa amenizar o deslocamento em que se encontra. Segundo Hall,

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, [...] estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós definitivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2006, p. 47).

No processo de retorno ao lar, Levi não conseguiu ser comum às pessoas que ele encontrava pelo caminho. O testemunho do sobrevivente não causava tanto espanto e não despertava grande interesse na maior parte das pessoas. De certa forma, todos estavam sofrendo com as consequências desastrosas e cruéis que a guerra deixou. A população estava ocupada tentando reconstruir suas casas, seus trabalhos, suas famílias e suas vidas. Era preciso reconstruir todo um sistema de representação e todo um discurso de aceitação. Os estudos de Hall nos permitem entender essa construção da identidade como “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 51). Levi, portanto, parece viver um conflito com as várias identidades que o destino lhe sobrepôs: judeu, italiano, químico, sobrevivente de campo de extermínio e forasteiro. Essa sensação de muitas identidades, afluída pelo sofrimento da pena do exílio, causa sentimentos contraproducentes que insistem em se instalar na mente de Levi. Para Said, essa é uma sensação de “sempre estar fora do lugar” (SAID, 2004, p. 19). Levi não consegue se reinventar, criar o novo é difícil e inimaginável. O sobrevivente do *Lager* lida com uma guerra que nunca acaba. Para Levi

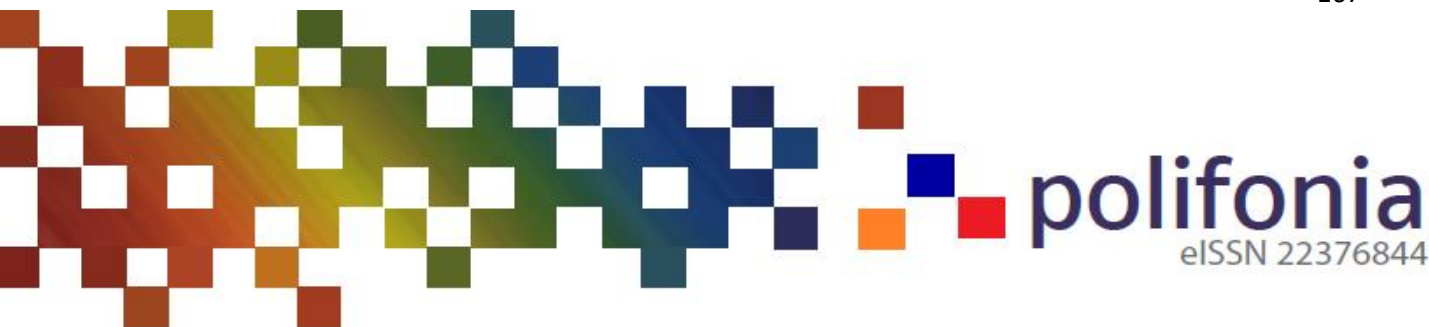
¹ Cf. Perrone-Moisés, L. *Edward Said, um intelectual fora do lugar*. Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 29 de junho de 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2906200316.htm>>. Acesso em: 9 de jun. 2020.



não é mais possível viver completamente. O que lhe resta é viver uma pseudoliberdade. Segundo Levi, “a liberdade, a improvável, impossível liberdade tão distante de Auschwitz, que apenas nos sonhos ousávamos imaginar, chegara: mas sob a forma de uma impiedosa planície deserta. Esperavam por nós outras provas, outras fadigas, outras fomes, outros medos” (LEVI, 1997, p. 54). Levi experimentou uma liberdade cheia de obstáculos exteriores e barreiras interiores que o angustiaram ao longo da vida. Sua liberdade não encontrava estabilidade, era precária e insuficiente para projetá-lo além de Auschwitz. Nesse sentido, as palavras de Michel Malherbe cooperam para afirmar que Levi sofria com a sua liberdade. Segundo Malherbe, “um homem é livre quando o poder que tem para realizar seus fins não é contrariado” (MALHERBE, p. 47)². A narrativa de Levi, portanto, aponta para um estado de mente reciprocamente contrário ao tão almejado direito de agir segundo o seu livre arbítrio.

Mesmo quando Levi já se encontrava em casa no refúgio do lar, no descanso macio de um colchão, os sonhos se manifestavam perturbantes e arrebatadores. Levi vivia o pesadelo do *Lager* interruptamente. O aconchego da família não era suficiente para livrá-lo da angústia rotineira e avassaladora que se criou no *Lager*. Para Levi, a guerra mostrava-se como um monstro indestrutível e um lugar difícil de escapar. Levi era acometido pela impossibilidade de exorcizar os traumas gerados no campo de extermínio. Estar em Turim, sua terra natal, voltar para a casa onde cresceu e viveu até a sua morte, não fez com que ele encontrasse um lugar de integração. Levi sentia-se forçosamente deslocado. Conforme aponta o narrador: “dos seiscentos e cinquenta que éramos ao partir, retornamos em três. E quanto perdemos de nós mesmos, nestes meses? Que coisa haveríamos de reencontrar em casa? O quanto de nós foi corroído, apagado?” (LEVI, 1997, p. 252). O que parece é que Levi não conseguiu ir de encontro às perdas do passado, confrontá-las e superá-las. Hall aponta que essas características condizem com os aprendizados adquiridos no exílio. Para o sociólogo, “esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o

² MALHERBE, M. *Liberdade e necessidade na filosofia de Hobbes*. Trad. Maria Isabel Limogi. Nantes: Lettres et Langages. [sd].

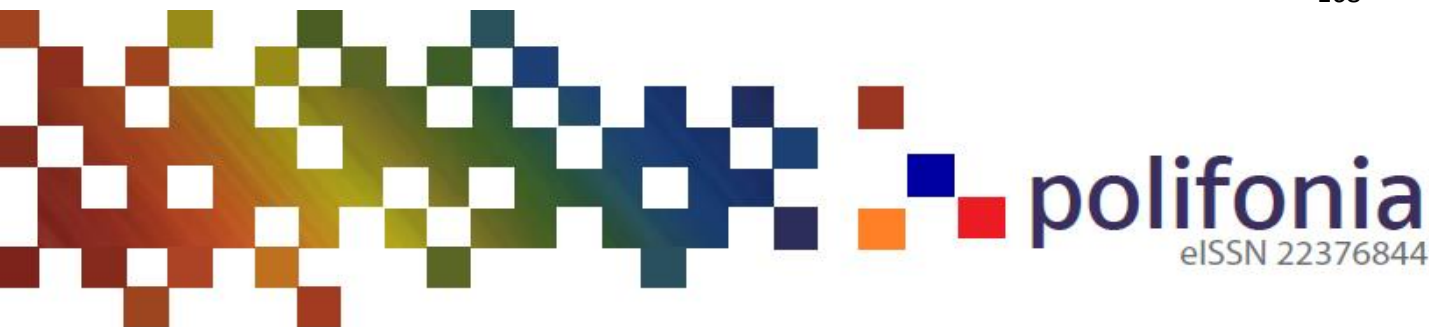


suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada” (HALL, 2003, p. 415). Levi sentia-se estrangeiro em seu próprio lar. A experiência no *Lager* foi violenta e definitiva. Ele nunca encontrou o conforto ou o acolhimento que entendia ser necessário para compartilhar o que viu, vivenciou e se tornou.

Levi transformou-se em outro ser, os seus sentidos pareciam perturbados e a forma como ele considerou a vida foi alterada. O sobrevivente do *Lager* adquiriu uma nova percepção do mundo e da maldade que o homem é capaz de perpetuar. A sua identidade foi abalada pelas vivências traumáticas sofridas no *Lager*. O mundo pós-guerra trouxe novos símbolos, novas representações e novas construções a respeito do discurso que iria delinear a sua trajetória. Hall (2006) explica que:

[...] as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 50).

Levi, ao olhar para o passado, perceber quem ele era e dar conta no presente da pessoa em que ele havia se transformado, não conseguiu se projetar para o futuro. Tudo aquilo que foi base para sua formação pessoal, a literatura e a cultura de modo geral, perdeu espaço para as dores e as feridas incicatrizáveis produzidas em Auschwitz. Adorno explica que “a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (ADORNO, 2010, p. 9). A cultura, todavia, “constitui precisamente esse estado que exclui uma mentalidade que possa medi-lo” (ADORNO, 1995a, p. 149). A formação cultural está relacionada não apenas com os engendramentos subjetivos do sujeito, mas também com a produção do social. O homem e a sociedade participam dessa mediação. Levi, por exemplo, ao se deparar com o inesperado, com a catástrofe da guerra, ficou impossibilitado de se harmonizar com a vida novamente. A sua personalidade foi desintegrada no *Lager* para transformá-lo em um sujeito de identidade híbrida. O choque do trauma o impossibilitou de voltar a um estado de compatibilidade com o seu lugar de origem. Levi foi apoderado pelas feridas e supuras de suas memórias traumáticas.



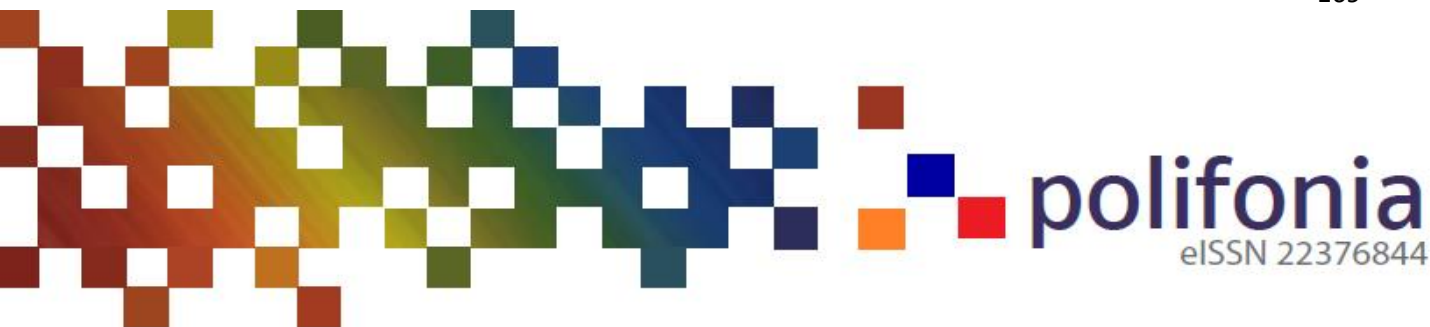
Conforme o narrador afirma: “sentíamos fluir pelas veias, juntamente com o sangue contaminado, o veneno de Auschwitz” (LEVI, 1997, p. 252).

O contato com o bizarro permitiu que Levi reunisse elementos de diversas identidades para compor uma nova forma identitária. O sobrevivente vivia um novo tempo, os espaços foram transformados pela guerra e as pessoas carregavam novas experiências. A maior parte dessa transformação estava relacionada à desolação e a perdas irre recuperáveis. Em seu livro, *Geografias de exílio* (2005), a pesquisadora Miriam Volpe afirma que:

[...] há uma possibilidade de se acrescentar à reflexão sobre o exílio, um novo conceito, o de tempo. Todo desterro implica um “destempo” (termo cunhado por Joseph Wittlin), pois o exilado seria despojado não só de sua terra mas também dos acontecimentos de seu tempo que transcorre em seu país enquanto ele está fora. Também, é frequente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tyrannizar o presente pela nostalgia do que se perdeu (VOLPE, 2005, p. 82).

Levi teve o seu projeto político e de vida derrotado. Apesar de sobreviver ao Holocausto, ele não conseguiu se pacificar no pós-guerra. As suas referências basilares foram rompidas e ele sentia-se constantemente desenraizado. Além da dor, o sentimento era de um prejuízo constante. Levi vivia o sofrimento das extorsões irre recuperáveis. A hora de dormir, por exemplo, era quase sempre um terror. Logo após o seu retorno para a casa, os seus constantes pesadelos reafirmavam que nada mais fazia sentido fora do *Lager*. Segundo Levi:

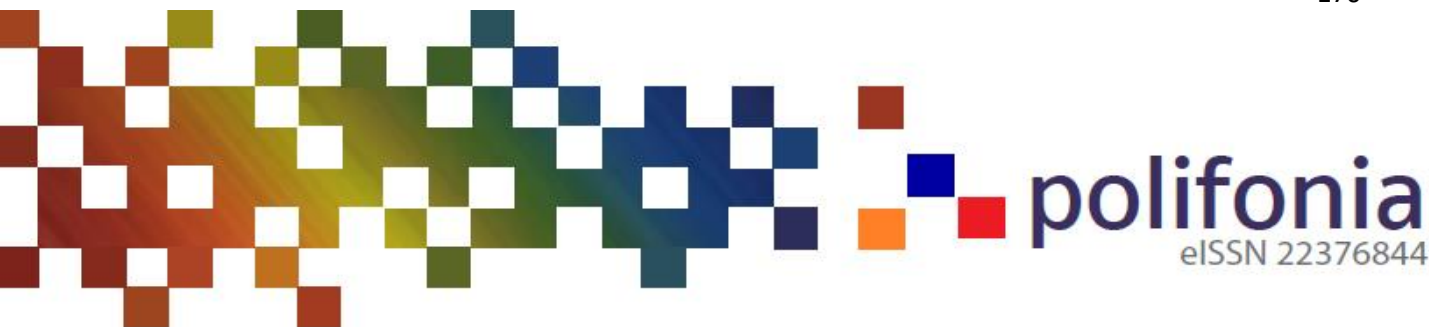
É um sonho dentro de outro sonho, plural nos particulares, único na substância. Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho, ou no campo verdejante: um ambiente, afinal, plácido e livre, aparentemente desprovido de tensão e sofrimento; mas, mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas as vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: estou de novo no campo de concentração, e nada era verdadeiro fora do campo de concentração. De resto, eram férias breves, o engano dos sentidos, um sonho: a família, a natureza em flor, a casa (LEVI, 1997, p. 258).



Como em um sonho, o caminho de volta para casa é sempre difícil de entender. As estradas são muitas, às vezes incontáveis, de diferentes formas, relevos planos ou acidentados e muitas vezes sem a garantia de que levarão ao destino que se quer chegar. Levi demorou quase nove meses para chegar a sua casa. Um percurso demasiadamente longo e caracterizado por crueldades diversas. A sua libertação em Auschwitz aconteceu em vinte e sete de janeiro de 1945, mas somente em dezenove de outubro de 1945 ele pode finalmente se ver em Turim, na Itália.

A chegada de Levi foi recebida com espanto, certo amedrontamento e desconfiança. Após longa viagem, ele explica o seguinte: “a casa estava de pé, todos os familiares vivos, ninguém me esperava. Eu estava inchado, barbudo e maltrapilho, e tive dificuldade em fazer-me reconhecer” (LEVI, 1997, p. 358). Não havia serenidade e compostura na figura deformada de Levi. O sobrevivente se estabelece como a representação de uma situação negativa da experiência humana. Levi representa a fratura incurável que permeia entre a vida anterior e posterior a Auschwitz.

O sobrevivente parece não ter alternativa e vive como se fosse um forasteiro em sua própria casa. Ele tem dificuldade em estabelecer vínculos que o enraízem novamente. Levi parece viver em um terreno estranho, em um espaço que não lhe pertence mais. Apesar da necessidade urgente de reconstruir sua vida, que foi cruelmente rompida, os recomeços se mostram quase sempre frustrantes. O sobrevivente de Auschwitz aparenta ser um sujeito destituído da força necessária para se deslocar em direção oposta ao exílio. Ele é uma pessoa estranha e distante. Para Rosenfeld, “distância é a situação do estranho e marginal” (ROSENFELD, 1967, p. 17). Levi demonstra estar envolvido em uma ameaça constante e parece viver em uma pátria provisória, como se as fronteiras pudessem se fechar para ele a qualquer momento. O trauma o estabeleceu em uma terra estrangeira e no vazio do lar. Sua vida foi prejudicada pela insegurança e empobrecida pela dificuldade de não conseguir se conectar psicologicamente com o espaço em que ele estava vivendo. A guerra firmou o exílio nas suas subjetividades, estabelecendo-o como



um coitado ou desterrado, que sofre as consequências por trilhar um destino errante e que o leva a estar sempre à procura de uma identidade perdida.

Levi aponta para o perigo de ser estrangeiro, de ser alguém que vive ameaçado e que não consegue se encontrar ou pertencer a um lugar comum. Segundo Levi:

Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, conscientemente ou não, que “cada estrangeiro é um inimigo”. Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente; manifesta-se apenas em ações esporádicas e não coordenadas; não fica na origem de um sistema de pensamento. Quando isso acontece, porém, quando o dogma não enunciado se torna premissa maior de um silogismo, então, como último elo da corrente, está o Campo de Extermínio. Este é o produto de uma concepção do mundo levada às suas últimas consequências com uma lógica rigorosa. Enquanto a concepção subsistir, suas consequências nos ameaçam. A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo (LEVI, 1988, p.7).

Levi é o resultado de uma experiência que lhe foi negada, ou seja, a vida. Tudo lhe foi roubado no *Lager*. Porém, coube-lhe a tarefa de nos inquietar com a urgência do seu testemunho. Sua obra carrega a força e a criatividade para expor suas memórias traumáticas e tudo o que lhe foi usurpado no campo de extermínio. Conforme Said, “o exílio neste sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros” (SAID, 2003, p. 60). Levi tem um argumento racional e consciente a respeito dos seus limites. Sua narrativa aponta para uma dificuldade de deslocar o homem falível ao encontro do homem capaz. Ele transita entre o familiar e o estranho. Às vezes sua narrativa mostra-se misteriosa e insondável, mas permite que seu leitor o encontre na intimidade de suas experiências traumáticas.

O exílio não permitiu que Levi conseguisse reivindicar uma ruptura que lhe possibilitasse reescrever, sem sofrimento, a vida no mundo pós-guerra. O *Lager* impediu que Levi se realizasse, ou imaginasse um lugar sem as dores do trauma. As condições de possibilidade de transformação foram minadas. Levi não conseguiu se reconciliar com o passado, projetar uma memória feliz e apaziguar as ofensas que o desfigurou. Liberar a memória para pôr fim na transmissão da dor era um exercício impossível de realizar. Ricoeur explica que “o fracasso mantém assim a experiência da falta na linha da

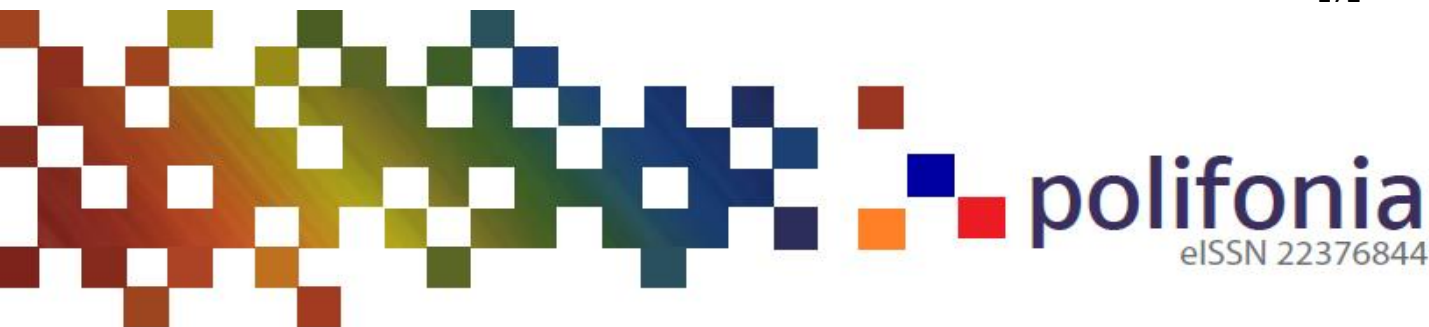


metafísica do ser e da potência que convém a uma antropologia do homem capaz” (RICOEUR 2000, p. 600). O que parece é que as experiências vividas por Levi o levaram a valorizar mais as impossibilidades do que as possibilidades de um agir libertador. Talvez as dificuldades que Levi vivenciou foram tão absurdas que ele não soube ou não conseguiu dar sentido às suas narrativas de forma que ele pudesse harmonizar-se com as experiências que o transformaram. O sobrevivente do *Lager* dedicou grande parte de seu tempo para rememorar os eventos traumáticos do campo de morte. A sua recuperação ficou inviável, fazendo com que ele se tornasse o resultado de uma grande aflição, opressão e tristeza.

Nesse sentido, Said aponta para o fato de que “o intelectual exilado deve cultivar uma subjetividade escrupulosa, nem complacente nem intratável” (SAID, 2003, p. 71). No caso de Levi, percebe-se que ele esforçou-se para dar sentido às suas experiências, principalmente através do texto literário. Sua narrativa conduz o leitor a uma atitude reflexiva, sugerindo buscar ângulos inusitados para que se possa direcionar o olhar para uma realidade ainda desconhecida.

Talvez, podemos dizer que Levi é um narrador forasteiro, cuja experiência fora do comum o condicionou à inquietação e a abalar o *status quo*. Tudo o que ele vivenciou no *Lager* o levou a questionar o quão vergonhoso é o ser humano, capaz de transformar o seu semelhante biologicamente até que ele seja incapaz de resistir. Parece que a narrativa de Levi tenta universalizar a crise que a guerra gerou na vida do sobrevivente do *Lager*. Ele nos convida a pensar as questões relacionadas a uma memória que ofende. A dialética do seu testemunho aponta para a importância de fazer com que todos tenham conhecimento de uma atrocidade que jamais pode se repetir. Ao narrar o impensável, o inimaginável, Levi tenta ressignificar o olhar que se tem a respeito do homem.

O exílio imposto aos habitantes do *Lager* revela o quão fraturada é a experiência da dignidade humana. A Segunda Guerra Mundial asseverou a fragilidade da vida e a nossa incapacidade de protegê-la. Após quase oitenta anos do fim da guerra, continuamos sem resposta para aqueles que foram, ou são violentamente arrancados de seu lugar de pertencimento. O sofrimento e o trauma perpetuam para adjetivar, categoricamente, os



apátridas, os refugiados, os exilados e todos aqueles que foram forçosamente deslocados de suas nações.

O pós-guerra evidenciou a identidade fragmentada e o mal-estar rotineiro que acometia o sobrevivente do *Lager*. Levi foi incapaz de produzir uma identidade que o assoberbasse. Ele não encontrou a vivência de uma identidade transformadora. Apesar de ter conseguido voltar para casa e estar junto de seus familiares, Levi nunca se sentiu acolhido ou protegido. A narrativa de Levi descreve um sofrimento que nunca acaba. O *Lager* se mostra interminável para o sobrevivente. Levi parece demonstrar que as ameaças sempre engendraram a sua subjetividade, produzindo ansiedade, incerteza e insegurança.

Os apontamentos de Bauman (2005) nos ajudam a entender esse estado de aflição, ansiedade e insegurança que acompanhou Levi durante a jornada da vida. Segundo o filósofo,

[...] o anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente ‘nem-um-nem-outro’, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa Época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005, p. 35).

Bauman (2005) parece sugerir um incômodo inevitável, um deslocamento constante e perturbador. Nesse sentido, Levi aparenta ser um sujeito fora da ordem habitual. Sua mente não encontra repouso e ele está constantemente em risco de ter que se contentar com o medo. O desgaste é fatal, pois ele está destituído de um lugar de coletividade e tudo lhe parece provisório. O sobrevivente do *Lager* está sempre em trânsito, vivendo a experiência do estranhamento, de constantes perdas e do exílio que configurou o seu hibridismo.

Por fim, Levi se viu obrigado a viver entre o ambiente do *Lager* que se formou em Auschwitz e o ambiente de sua cidade natal em Turim, mas ambos os espaços



mostraram-se como um lugar de improviso ou uma terra estrangeira. A vida prejudicada lhe impôs a ausência do lar e um destino errante que não lhe deu descanso. O sobrevivente do *Lager* não cessou de procurar por uma identidade que o contentasse. Por se sentir sempre distante das pessoas e da vida em comunidade, por carregar o sofrimento do exílio e não conseguir achar solução para as ofensas que lhe foram impostas, Levi desiste da vida. Em uma tentativa de colocar um fim a angústias irresolutas, ele se joga do terceiro andar do prédio que deveria ter sido o seu lar e seu aconchego, o lugar em que ele passou quase toda a sua vida.

Referências

ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 3ª Edição. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. *Teoria da Semiformação*. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. *Teoria Crítica e inconformismo*: Novas perspectivas de ensino. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010. Cap. 1, p. 6-40.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

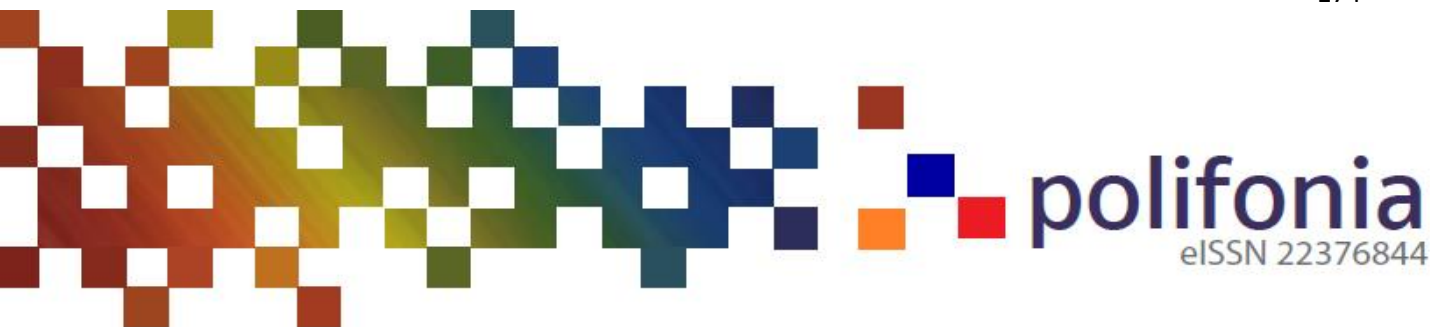
BENEDETTI, Mario. *El desexilio y otras conjeturas*. Buenos Aires: Nueva Imagen, 1986.

RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ROSENFELD, Anatol. "Introdução", *Entre dois mundos*, seleção e notas A. Rosenfeld, Jacó Guinsburg, Ruth Simis e Geraldo Gerson de Souza, São Paulo, Perspectiva, 1967.

SAID, Edward W. *Fora do lugar: memórias*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.

LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEVI, P. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MALHERBE, M. *Liberdade e necessidade na filosofia de Hobbes*. Trad. Maria Isabel Limogi. Nantes: Lettres et Langages. [sd].

MATTIODA, E. *Levi*. Roma: Salerno, 2011.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.